

Imigração e marginalidade

DEUSEDIT ARAÚJO

(Psiquiatra do Serviço Nacional
de Doenças Mentais)

A seguinte tese, apresentada ao I Congresso Inter-americano de Medicina, orientada pela teoria ambientalista, estuda o momentoso problema de ajustamento do imigrante ao meio social. Postando o problema da imigração nos fenômenos da adaptação, da assimilação e da aculturação, propõe o autor o ajustamento útil do imigrante através de processos psico-sociais, já que o imigrante deve ser encarado como um "Marginal man", o qual, entre duas culturas, não se decide por nenhuma e sofre pelas duas. Cita, em seguida, alguns casos trágicos de ressentimentos ou marginalidade tardia, situando aí a recente irrupção de atividades subversivas japonesas em S. Paulo.

Procurando prevenir a exacerbação da defesa cultural de nosso imigrante, termina o autor aconselhando a organização de um plano colimando três objetivos básicos: formação de técnicos de imigração, orientação das atitudes sociais do povo, e educação do imigrante visando sua completa integração psico-social (N.R.).

QUE se observa inicialmente em qualquer imigração é a presença de um novo indivíduo em um novo meio. Estamos, pois, diante do famoso binômio *homem-meio*, tão discutido através do tempo e das escolas, de Hipócrates a Ratzel, de Vidal de la Blache aos contemporâneos. Sem nos querer alongar em considerações sobre tão debatido complexo, apenas diríamos que, modernamente, já não se admite o domínio do homem pelo meio, com aquele "fatalismo geográfico", com aquela "cega brutalidade" de que falava Ratzel com a sua escola.

O que se admite hoje é que as ações e influências são mútuas, recíprocas. E mais — que, se existe uma supremacia, esta é do homem sobre o meio. Em vez de: o homem — produto do

meio, o meio — produto do homem. Acima do meio, o homem, que, pela inteligência e pela técnica, consegue sobrepujá-lo. O homem que rasga continentes e liga oceanos, o homem que se opõe à natureza, dominando seus elementos, o homem que constrói uma cidade em poucos meses, para fazer uma bomba atômica e com esta mesma bomba destrói uma cidade num minuto.

Mas o meio de que estamos falando é o meio natural, o meio físico, cósmico ou telúrico.

Se levarmos em conta as influências do homem sobre o homem teremos o meio social, com todo o cortejo de fatos resultantes das relações sociais.

Além desses fatores peristáticos teríamos que aludir ainda, no caso particular da Imigração, ao papel da raça, grande modificadora do homem, e ao do momento, admitido por Taine.

Dizíamos, porém, inicialmente, que o primeiro fato decorrente de uma imigração é a presença de um novo indivíduo num novo meio. E depois disso o que é que acontece?

O que acontece é que esse indivíduo não fica isolado. Ele ingressa no novo grupo social. Ele ingressa, se adapta e se difunde.

Temos então a acomodação, a miscigenação, a hibridação, a fusão, enfim, toda uma série de fatos resultantes do contato social.

Ocorre, no entanto, que estas denominações nem sempre estão sendo empregadas em sua justa acepção vocabular. Autôres americanos modernos e alguns autores brasileiros, entre os quais Artur Ramos, Herbert Baldus e Emílio Willems, têm procurado sistematizar o emprêgo dessas palavras. Compulsando aqueles autôres procuramos fazer uma revisão terminológica, cujo resultado seria o seguinte:

Para muitos, Assimilação corresponde a todos os processos sociais e biológicos. No entanto, como veremos, seu emprêgo deve ficar reservado para os fatos de ordem puramente social.

Adaptação, sim, tem sentido biológico. É o processo pelo qual o homem, e seu organismo, se adapta ao meio físico ou orgânico. Cumpre ressaltar aqui o papel da aclimação.

Assimilação corresponde aos processos sociais pelos quais o indivíduo é incorporado, parcial ou totalmente, ao novo grupo, por meio das interações sociais. De cunho predominantemente social, a Assimilação acarreta fatos de natureza biológica, visto que dela resultam a miscigenação, pelo inter-cruzamento de etnias, e amalgamação ou fusão, etc. Para alguns, *acomodação* é a primeira fase da assimilação.

Aculturação é o termo adotado para os fenômenos de intercâmbio cultural. É a troca, é a permuta, é a inter-influência resultante do contato de culturas diversas. É óbvio que o vocábulo cultura é empregado aqui em sua acepção estritamente sociológica.

Na aculturação há a destacar três sub-processos ou resultados: a aceitação, o sincretismo (Artur Ramos) e a reação.

Há aceitação quando um dos grupos contrai e adota os padrões e valores culturais do outro. Há sincretismo quando se estabelece a permuta harmoniosa e tácita, dando em consequência o que os sociólogos chamam de reconciliação. Há reação quando um dos grupos se opõe e repele a cultura adversa.

Finalmente, temos *Ajustamento*, designando os processos psicológicos ou psico-sociais, pelos quais o indivíduo se amolda à psicologia do grupo em que é lançado.

Tôdas estas considerações, embora superficiais, visam tornar mais compreensível o assunto em tese. É que de Assimilação, de Aculturação e de Ajustamento deslisa o tema — Marginalidade na Imigração.

Termo novo, criado por Robert Park, rotulando fatos antigos estudados e sistematizados pela Sociologia moderna, pode-se dizer que *Marginalidade* significa a crise psicológica do indivíduo que muda de meio, ou, ainda, a situação psicológica do indivíduo ou grupo humano cujo psiquismo não se ajusta a uma cultura diferente. Posto entre duas culturas, o "marginal man" não se decide por nenhuma, isto é, nem se desapega da cultura originária, nem contrai a cultura estranha. Isto lhe traz um tom afetivo e emocional

característico, acarretando a ambivalência dos sentimentos, da violação e das atitudes. É esta duvidade ou ambigüidade que coloca o seu psiquismo numa espécie de equilíbrio instável, equilíbrio que, ao se romper, conduz o indivíduo para a psicose, para o crime e para o suicídio. Estado de espírito freqüente entre os imigrantes e seus descendentes, a Marginalidade é, assim, um epifenômeno da imigração.

Como médico do Serviço de Imigração e como psiquiatra, tive ocasião de acompanhar vários casos, que passo a expôr.

Num dêles, tratava-se de um rapaz de família judia, nascido no Brasil. Sua influência decorreu sem tropeços. Freqüentou a escola. Educou-se simultaneamente nos moldes brasileiros e não de sua etnia, cujas influências culturais recebia inconscientemente. Só mais tarde, homem feito, é que se apercebeu dos preconceitos e restrições em relação à sua raça, o que lhe acarretou a decepção e o recalque.

Já aqui temos dois fatos a considerar: primeiro, o chamado fenômeno do *ressentimento*; segundo, o fato de haver no caso em aprêço o que os estudiosos chamam de *marginalidade tardia*, visto que ela sobreveio não no primeiro contato mas, no indivíduo adulto, vivendo numa sociedade junto à qual nascera e na qual se julgava integrado.

Verificou, então, o nosso observado que, apesar de desejar ser 100 % brasileiro, não o conseguia jamais. Se ia à igreja, era obrigado a praticar em casa o culto da religião paterna. Falava bem o idioma nacional mas, ao chegar ao lar, era obrigado a falar o "yidisch". Apaixonou-se por uma moça brasileira, mas a isso se opôs a família porque preferia a endogamia racial. Por fim alegava o rapaz: como ser brasileiro se afinal de contás o meu nome é Israel?

Israel não resistiu ao embate e um belo dia entrava em franca psicose. E no meio do seu delírio ainda exclamava: "É esta minha raça que me põe a perder!"

Outro caso é o de uma jovem alemã, de educação esmerada e acentuadamente germânica. Residiu na capital de um Estado onde jamais se adaptou às normas e costumes brasileiros. Veio para o Rio e aqui continuou inaculturada e desajustada. Seu círculo de relações era apenas de

compatriotas. Seus livros, alemães. Estudiosa e erudita, jamais se interessou, porém, pela língua nacional, que falava pouco e incorretamente. Tendo-se submetido a um concurso, foi desclassificada. Pouco depois entrava em franca reação esquiso-frênica, com idéias místicas e persecutórias, atos extravagantes, delírios, alucinações, etc.

Outro caso é o de um súdito alemão, que embora residindo há muito tempo no Brasil, não contraiu os nossos padrões culturais. Sua mentalidade era mais que germânica porque prussiana, e mais que prussiana, porque nazista. Veio a guerra. Tido como agente do eixo, foi preso e tanto bastou para que se desencadeasse uma psicose carcerária precedida de tentativa de suicídio.

Ainda outro caso é o de um moço português que se transplantou para o Brasil. Extremamente bairrista, vivia das saudades de Portugal, daquela nostalgia portuguesa, que Capistrano de Abreu chamou "transoceanismo". Dominado por um cego espírito nativista, rememorava os feitos heróicos do seu povo. Residindo com estudantes brasileiros, rebelava-se contra as pilhérias que estes faziam a respeito da bôa gente luzitana. Irritado a princípio e revoltado por fim, sua permanência no Brasil tornou-se impossível. Era a crise marginal... Por certo não enlouqueceu. Mas voltou neurastênico, renegando o Brasil...

Sem continuar na apreciação desses casos, eu vos afirmo que, como eles, há muitos, em nosso meio social, em nossas escolas, em nossos hospitais. É notória a alta freqüência de estrangeiros em nossos estabelecimentos psiquiátricos. Juliano Moreira encontrou-os numa proporção de 31 %, sobre o total de entradas, no antigo Hospício Nacional. Xavier de Oliveira encontrou no Distrito Federal a percentagem de 20 %. Cumpre-me declarar que não consegui nenhuma estatística a este respeito. Mas os casos que estudei constituem legítimos exemplos em que o surto psicótico foi precedido pela crise psicológica que constitui o timbre específico da marginalidade. São, porém, casos isolados, que descambaram para a loucura e para o suicídio. É que o fenômeno existe também no grupo, — é a marginalidade grupal. São os indivíduos inaculturados, constituindo os insulamentos culturais, os focos de etnocentrismo, os quistos étnicos e outras formas de segregação social, entretendo o que Euclides da Cunha chamava de "diátese das sociedades" e contendo em latência, o germen da sedição e do crime.

A este respeito temos no Brasil considerável material para estudo. É o caso dos grupos minoritários do Sul, isolados com todo o seu equipamento cultural — uso, costumes, mentalidade, escola, igreja e até cemitério próprios. Refiro-me à conhecida existência dos núcleos alemães que chegaram a constituir, no sul do Brasil, verdadeiros casos de *diáspora*, isto é, de uma nacionalidade dentro de outra ou seja, no caso em apreço, de uma sucursal da Alemanha florescendo no Brasil.

Conta o Prof. Emil Willems, em seu notável estudo sobre as populações marginais de S. Catarina, que viu ali bandeiras cujo campo era metade brasileiro, metade alemão. A noção de direito de solo e de sangue naqueles núcleos se propagou à consciência da própria nação alemã. Relata Miguel Couto, entre outros fatos, que estando certa vez na Alemanha, pediu aos filhos que comprassem algumas bandeiras do Brasil para a ceia do Natal. As crianças se dirigiram a uma casa comercial, onde divisaram bandeiras brasileiras. Pediram ao comerciante que lhes vendesse algumas. Este respondeu que não tinha bandeiras brasileiras. Como as crianças insistissem e lhes mostrassem as bandeiras, o alemão respondeu: mas estas não são brasileiras, são bandeiras de uma colônia alemã da América do Sul.

Outro caso, este atual, em plena ebulição, é o das atividades subversivas dos japoneses em São Paulo. Refiro-me à "Shindo Remei", organização secreta de imigrados japoneses, e à "Toko Tai", constituída pelos "Nisei", isto é, por descendentes de japoneses nascidos no Brasil. A princípio trucidavam os compatriotas que admitiam a derrota do Japão. Já agora entram em luta aberta com a população paulista. Diariamente os jornais dão notícias da onda de crimes que vêm perturbando a ordem, o trabalho e a tranqüilidade pública, praticados por essa gente de assimilação lenta e difícil — samurais de intenções escusas, fanatizados pelo espírito do Buchido e do Shintoísmo.

Poderíamos ainda aludir aos grupos que se embuçam sob a capa de falsas sociedades de cultura, aos indivíduos que se revelam perigosos espíões e aos que se naturalizam, mudando apenas a nacionalidade, sem mudar a mentalidade. Mas basta de exemplos.

De todos esses fatos devemos ficar com a lição de que não nos convém receber imigrantes sem

que estejamos preparados para recebê-los e para acompanhar o seu comportamento no meio brasileiro. Não bastam as medidas preliminares de seleção, distribuição e localização. Cumpre-nos fiscalizar o adventício em seus processos de integração social. Isto é tarefa de administradores, educadores e sociólogos.

Os casos aqui tratados estão no setor da patologia cosmopolita, com seu forte conteúdo psicossocial.

Estão simultaneamente no âmbito da Sociologia e da Psicopatologia e sua solução é tarefa também dos psicólogos, dos psiquiatras e dos Serviços de Higiene Mental.

E qual seria esta solução? Quais seriam os meios de evitar os obstáculos da assimilação e os conflitos culturais?

Se fôsse possível resumir a resposta em duas palavras, eu vos diria: — pela Educação. Acho que para isso se impõe um plano de organização nacional, cujo objetivo preliminar deve ser a formação de educadores e Técnicos de Imigração, capazes de atender a todos os aspectos do problema. A estes especialistas deve caber a execução de um programa educacional, cujas finalidades principais serão:

- 1.º educação do povo;
- 2.º educação do imigrante.

Quanto a esta última, está cabalmente demonstrado que a melhor maneira de assimilar o imigrante é fazer a sua socialização. E como educação e socialização têm sentidos quase idênticos, uma vez que educar é preparar o homem para a vida e para a sociedade, infere-se que todo o trabalho de assimilação deve repousar numa educação de fundo eminentemente socializante, pelo convívio, pelo contato, pela interação social.

A primeira medida a adotar, portanto, é evitar o isolamento geográfico e cultural. Evitar a hostilização, o antagonismo e a sabotagem. Evitar a xenofobia e o jacobinismo. Não impor novos hábitos ao imigrante, para não exacerbar a sua *defesa cultural*, mas procurar sintonisá-lo ao novo ambiente social, pela aculturação habilmente induzida e praticada.

Depois, promover a todo transe, a socialização do adventício. Fazer do filho do imigrante um veículo de aproximação, aproveitando o dom dos jesuítas, que faziam catequeses, por intermédio dos jovens índios.

Todos os especialistas em imigração são concordes em afirmar que a melhor maneira de evitar o êxodo rural, que determina a plethora e o "centrifugismo urbano", é criar nos meios rurais condições de *habitabilidade*. Eu acrescentaria — condições de *habitabilidade* e de *sociabilidade*. Sociabilidade que deve ser feita por todos os meios associativos. Ensinam os técnicos que os principais meios de socialização são o lar, o local de trabalho, a igreja, a escola e a agremiação. Por agremiação deve-se entender não só a de caráter cultural e profissional mas, e sobretudo, a agremiação recreativa, o sport, o clube, a diversão em conjunto.

Lembre-se ainda a importância do canto orfeônico como elemento educativo ou, de uma maneira mais lata, a influência da arte na educação, pelo intercâmbio literário, pela música e pelas artes em geral.

Como se vê, tudo isso requer organização. Organização que não se improvisa, mas que se adquire através do tirocínio e da experiência, o que vale dizer — através da educação. Voltamos assim ao item da educação do povo, a qual deve ser feita visando:

- a) orientação das atitudes sociais;
- b) orientação da consciência nacional, visto que a coesão e a unidade da pátria se acham implexas ao problema.

A êste respeito, demos um largo passo à frente com a nacionalização do ensino. Mas, em face do que aqui expusemos e de outras circunstâncias peculiares à nossa condição de país imigrantista, devemos preconisar não apenas a nacionalização do ensino ou da instrução, mas, a *nacionalização da educação*.

*
* *

Já se disse que o Brasil é um laboratório de civilização.

Até certo ponto, constituímos um campo de experiência das energias mentais do mundo. Somos um país em que a arte, a língua, a literatura, o folk-lore, os usos e costumes — tudo tem sofrido influências aculturativas. Tudo isso se faz sem a intervenção dirigida ou deliberada dos homens e dos educadores. Faz-se, porque aqui não há preconceitos de raça. Faz-se, porque a índole do

nosso povo é bôa, associativa, fraternista e afetuosa.

De certo modo, devemos continuar a contrair do imigrante e das influências externas tudo o que nos oferecerem de útil e civilizador. Mas devemos também zelar pela nossa maneira nacional de existir como povo. E tudo isso só conseguiremos pela Educação.

CONCLUSÕES

- 1 — Para efeitos de assimilação não bastam as medidas preliminares de seleção do imigrante. Devemos estar aparelhados para acompanhar e dirigir a sua integração biológica, social e psicológica no meio brasileiro.
- 2 — A índole do povo brasileiro e a ausência de preconceitos de raça facilitam a socialização do imigrante.
- 3 — O meio de evitar os obstáculos da assimilação e os conflitos culturais e psicológicos é proporcionar ao imigrante uma educação de fundo socializante, ou melhor, de fundo nacionalizante.
- 4 — Devemos preconisar não apenas a Nacionalização do Ensino mas, a Nacionalização da Educação.
- 5 — Impõe-se um plano de organização colimando três objetivos:
 - a) Formação de técnicos de Imigração e de educadores especializados.
 - b) Educação do povo, visando a orientação das atitudes sociais.
 - c) Educação do imigrante, visando a sua integração psico-social.